

THE LANCET

www.thelancet.com Vol 395 June 20, 2020 1899

Da literatura à medicina

Ver a covid-19 com a *Cegueira* de José Saramago

Daniel Marchalik, Dmitriy Petrov *

Com cerca de seis meses de pandemia do covid-19, a devastação emocional, os impactos socioeconômicos e as pressões sobre os profissionais de saúde da linha de frente continuam a moldar o nosso mundo. Embora as palavras nem sempre façam justiça ao sofrimento individual devido a essa doença, às vezes a ficção pode permitir um modo de processar o momento presente e isso parece particularmente verdadeiro com o *Ensaio sobre a Cegueira* do escritor português José Saramago (1995).

O romance narra uma epidemia de cegueira sem precedentes que varre um país sem nome. Começa com um homem parado no trânsito e o seu mundo é subitamente envolvido por uma brancura leitosa. Ele é levado ao consultório de um oftalmologista, onde, depois de atravessar uma movimentada sala de espera, deixa toda a clínica, incluindo o médico, infetada. O grupo é posto em quarentena num antigo asilo pelo ministro da saúde. O médico e a sua mulher, que milagrosamente mantém a sua visão, também são aí confinados.

O pânico espalha-se no asilo "mais rápido do que as pernas que o transportam". A mulher do médico compreende rapidamente como o medo e a sensação de não se ser visto - e, portanto, não ser julgado pelas suas ações - podem levar à depravação moral, pois ela e outros são sujeitos a estupro, extorsão e homicídio por companheiros de cárcere.

No final, quando toda a cidade fica cega e o grupo em quarentena sai, eles encontram a sua cidade em ruínas. Vagueando pelas ruas abandonadas, dão por si numa igreja onde as imagens sagradas têm os olhos cobertos com panos brancos e as pinturas têm os olhos tapados com tinta branca. Este é um mundo que parece ter mudado para sempre. Naquele mundo, nem aos santos era permitido ver o sofrimento dos cegos.

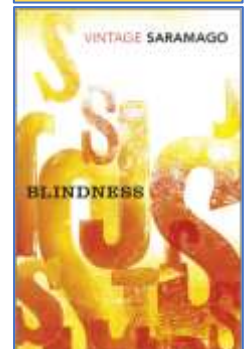
Então, tão rapidamente como veio, a cegueira desapareceu. O mundo vibra de otimismo, como se tivesse despertado de um pesadelo. Mas a mulher do médico - que viu a realidade dentro dos muros do asilo - teme que o sofrimento tenha sido em vão. Ela sabe que as pessoas da sua cidade tudo esquecerão rapidamente, mesmo que ela não o possa fazer. Esse é o seu sacrifício: testemunhar os horrores que outros poderiam ignorar e servir como registo histórico do que realmente aconteceu atrás das paredes do asilo.

Ela percebeu que o paradoxo dessa cegueira epidémica é que ela iluminou mais do que obscureceu. A mulher do médico reflete: "Não acho que ficámos cegos, acho que somos cegos, cegos que veem, pessoas cegas que podem olhar mas não veem". As pessoas da cidade optaram por não ver, em si e nos outros, a crueldade oculta sob a superfície. Foi necessária uma epidemia para lançar uma luz ofuscante sobre a escuridão que sempre esteve subjacente.

O mesmo se aplica à pandemia da covid-19, que expôs muitas injustiças e desigualdades enraizadas. Levando os sistemas e recursos de saúde aos seus limites em muitos países, essa pandemia global trouxe para o centro das atenções questões preexistentes como o racismo sistémico, o estado das redes de segurança social e as discrepâncias no acesso aos serviços de saúde. E, por um breve período, perdemos a capacidade de desviar o olhar, enquanto a contagem de mortes e os vídeos de doentes críticos nas enfermarias do hospital invadem as nossas consciências.

E, no entanto, muitos parecem recusar-se a olhar ou já estão a esquecer-se. É uma história de dois mundos. Em alguns países, a desinformação sobre a covid-19 levou a protestos exigindo o levantamento de quarentena fora dos muros do hospital; entretanto, no interior, profissionais de saúde fatigados em unidades de cuidados intensivos prestam cuidados e apoio a inúmeros doentes graves e isolados. Mais do que nunca, os registos atuais das experiências dos profissionais de saúde e de seus doentes são necessários para contrabalançar as narrativas emergentes de alguns que subestimam a extensão da pandemia.

Um dia, a covid-19 também passará. O que restará? Muitos se lembrarão da solidão da quarentena e sofrerão com a recessão financeira que certamente ocorrerá; outros lembrarão a perda de um ente querido. Mas as memórias do sofrimento e sacrifício irão inevitavelmente esmorecer. Os escritos de profissionais de saúde e dos doentes, as publicações em redes sociais, os *podcasts* e as fotografias, testemunhando o que viram dentro das paredes do hospital, ajudarão os de fora a ver e a resistir ao nosso desejo de esquecer. Porque esquecer esse momento é algo que não nos podemos permitir. ■



* Office of Physician Well-Being and the Literature and Medicine Track, MedStar Health/Georgetown University School of Medicine, Washington, DC 20007, USA (DM); and Department of Neurosurgery, University of Pennsylvania, Philadelphia, PA 19104, USA (DP) dan.marchalik@gmail.com For more on From literature to medicine see *Comment Lancet* 2015; **386**: 1223